

# Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas em Genebra

Prof. Dr. Balduino A. Andreola\*  
Prof. Ms. Mário Bueno Ribeiro

**Resumo:** Em 1969 Paulo Freire, então no exílio desde 1965, decidiu que chegara o momento de ir embora do Chile. Tinha diante de si dois convites: um para trabalhar em várias universidades americanas, e outro, para atuar junto ao Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra. O convite das universidades americanas poderia parecer irrecusável, mas Freire propôs à Universidade de Harvard sua permanência de um ano, e declarou que sua opção definitiva era pelo Conselho Mundial, sabendo que o mesmo lhe oferecia melhores condições de um trabalho amplo, a serviço de grupos e povos mais necessitados. Lá trabalhou durante dez anos, fundando, com um grupo de exilados, o IDAC (Instituto de Ação Cultural). O CMI lhe abriu um espaço sem limites para projetos de ação educativa em todos os continentes, mas, sobretudo, por escolha sua, em vários países africanos que se libertavam do colonialismo. A partir do Conselho Mundial, sua proposta libertadora e sua obra adquiriram dimensões universais, e ele reconheceu ter sido o CMI que lhe proporcionou esta ampla receptividade.

**Resumen:** En 1969 Paulo Freire, entonces en el exilio desde 1965, decidió que había llegado el momento de irse de Chile. Tenía delante de sí dos invitaciones: una para trabajar en varias universidades americanas, y otra, para actuar junto al Departamento de Educación del Consejo Mundial de Iglesias, en Ginebra. La invitación de las universidades americanas podría parecer irrecusable, más Freire propuso a la Universidad de Harvard su permanencia durante un año, y declaró que su opción definitiva era por el Consejo Mundial, sabiendo que el mismo le ofrecía mejores condiciones de un trabajo amplio, a servicio de grupos y pueblos más necesitados. Allí trabajó durante diez años, fundando con un grupo de exiliados, o IDAC. El CMI le abrió un espacio sin límites, para proyectos de acción

---

\* Dr. Balduino A. Andreola é professor do curso de Pós-Graduação em Teologia – área de concentração Educação e Religião na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, RS. A elaboração deste artigo resultou, parcialmente, de pesquisa financiada pelo CNPq. Contou com a colaboração técnica de Joel Luis Dumke e de Mônica Bardem, estudantes de Teologia na EST, bolsistas do CNPq.

educativa en todos los continentes, más, principalmente, por opción suya, en varios países africanos que se liberaban del colonialismo. A partir del Consejo Mundial, su propuesta liberadora y su obra adquirieron dimensiones universales, y él reconoció que fue el CMI quién le proporcionara esa amplia receptividad.

**Abstract:** In 1969 Paulo Freire, in exile since 1965, decided that the time had come to leave Chile. He had received two invitations, one from American universities, the other from the Department of Education at the World Council of Churches in Geneva. The invitation from the American universities might have seemed irrefutable, but Freire arranged to stay at Harvard for only one year, making clear that his preferred option was the WCC, as he knew it would offer better conditions for carrying out a wide range of activities in favor of needier groups and individuals. He spent ten years working there and, with a group of exiles, founded IDAC, the Institute of Cultural Action. The WCC allowed him unlimited leeway for projects in educational action in all continents, though especially so, by his own choice, in African countries just coming out of colonialism. With Geneva as his starting point, Freire's liberating proposition and work achieved universal dimensions, enjoying a broad reception he always credited to the World council of Churches.

Já se escreveu<sup>1</sup> que Pedagogia do Oprimido não significa apenas um livro, o mais importante de Freire, mas sim, um grande projeto coletivo que, como tal, já não pertence a Freire, porque está sendo repensado e recriado por milhares de educadores e milhões de outras pessoas, em todos os quadrantes da terra, somando-se a uma utopia planetária de que “um outro mundo é possível”.

O fator decisivo e mais importante desta universalidade da obra de Freire foi sua atuação durante dez anos no Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Paulo Rosas, grande amigo e companheiro de lutas desde os inícios, no Recife, escreveu: “A partir de Genebra, Paulo projetou-se na história da educação no século XX como um cidadão do mundo.”<sup>2</sup>

Danilo Streck, um estudioso da obra de Freire amplamente reconhecido, declara:

Poderíamos, por exemplo, perguntar, se estaríamos falando da universalidade de Paulo Freire, se não tivesse havido o exílio e, dentro deste, a peregrinação por vários países da América até chegar a Genebra, onde encontrou um espaço de atuação que o colocou em contato com as experiências de libertação em todos os continentes, especialmente na África, onde a problemática da descolonização amplia a visão de libertação.<sup>3</sup>

A ida de Freire para o Conselho Mundial de Igrejas foi uma opção radical e histórica. Tendo decidido, em 1969, que era chegado o momento de ir embora do Chile, poderia responder, sem pestanejar, a um convite que muitos considerariam irrecusável, de ir para os Estados Unidos. O aceite significaria a porta para uma carreira universitária brilhante e rendosa. Ele já estivera nos Estados Unidos, em 1967, a convite de 6 universidades daquele país, e numa viagem mais rápida, em 1968. Freire não desprezou o novo convite. Propôs à universidade americana de Harvard sua permanência de um ano, mas ao mesmo tempo declarou que sua opção definitiva era pelo CMI, cujo convite chegara pouco depois do convite americano.

Numa entrevista com Claudio Ceccon, em 1978, Freire declarou:

Em 69 eu voltei e aí eu já era matéria do New York Times. Nessa altura eu já tinha o original de Pedagogia do Oprimido terminado, que só saiu em setembro de 70. Foi exatamente neste intervalo que fui convidado para Harvard.

---

1 ANDREOLA, B. A. Pedagogia do Oprimido: um projeto coletivo. In: FREIRE, A. M. A. (Org.). A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire, p. 43.

2 ROSAS, P. Papéis avulsos sobre Paulo Freire, 1. Recife: Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisa Universitária da UFPE, 2003. p. 33.

3 STRECK, D. Pedagogia no Encontro de Tempos: Ensaios inspirados em Paulo Freire. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 33.

Quando voltei ao Chile da primeira viagem, comecei a receber convites para os Estados Unidos. Foi uma coisa muito engraçada. Porque recebo a carta de Harvard e oito dias depois recebo a daqui do CMI. Harvard me propunha estar lá em abril de 69, e o Conselho me propunha estar aqui em setembro. Resolvemos fazer uma contraproposta aos dois. À Harvard para ficar até fins de 69 e ao Conselho para ir no começo de 70. Os dois aceitaram e foi bom, porque eu queria muito ter a experiência nos Estados Unidos.<sup>4</sup>

Em outra entrevista, em 1994, ele explicita o motivo de seu interesse por uma estada de aproximadamente um ano nos Estados Unidos: "Foi muito importante viver quase um ano nos Estados Unidos, porque eu tive a possibilidade de ver de perto o bicho na toca."<sup>5</sup>

Quanto à opção de ir para o Conselho, na entrevista do Pasquim, Freire esclarece.

Eu preferia vir para o Conselho, porque o problema de ser professor para mim não se coloca. Eu me acho professor numa esquina de rua. Eu não preciso do contexto da universidade para ser um educador. Não é o título que a universidade vai me dar que me interessa, mas a possibilidade de trabalho. E naquela época eu sabia que o Conselho ia me dar a margem que a universidade não me daria. Eu temia, ao deixar a América Latina, perder o contato com o concreto e começar a me meter dentro de bibliotecas e começar a operar sobre livros, o que não me satisfaria e me levaria à alienação total. Não me interessa passar um ano estudando um livro, mas um ano estudando uma prática diretamente. O Conselho me dava esta oportunidade.<sup>6</sup>

Parece-nos importante indagarmos as motivações mais profundas e decisivas que levaram Freire a aceitar o convite do Conselho Mundial de Igrejas. O prender-se às estruturas da universidade e aos rituais da academia tornaria difícil sua fidelidade aos "condenados da terra", aos oprimidos. Os depoimentos dele já citados deixaram claro que ele via na escolha do CMI o caminho para esta recepção universal de sua proposta. Nos Estados Unidos, as oportunidades não podiam ser as mesmas. Já se sabia muito bem lá que Freire era visto como altamente subversivo, sendo por isso silenciado pela ditadura, com respaldo total do governo americano. Tudo o que se estava construindo, no Brasil e na maioria dos países da América Latina, era frontalmente contrário aos interesses imperialistas americanos. Os men-

---

4 FREIRE, P. Paulo Freire, no exílio, ficou mais brasileiro ainda. Pasquim. As grandes entrevistas políticas II. Rio de Janeiro, n. 462 (especial), p. 11, dez. 1978. Entrevista concedida a Cláudius Ceccon e Miguel Darcy de Oliveira.

5 FREIRE, P. Educação pela fome. Folha de São Paulo. São Paulo, 29 maio 1994. Caderno VI, p. 9. Entrevista.

6 FREIRE, 1978, p. 10.

tores intelectuais e políticos de tais processos, vistos como altamente perigosos nos próprios países e por isso presos, torturados, cassados, exilados ou executados, eram considerados também radicalmente contrários aos interesses americanos na região.

Freire declarou, em 1978, que “queria muito ter a experiência nos Estados Unidos”. Em 1994 dirá que “foi muito importante” aquela permanência, porque lhe deu “a possibilidade de ver o bicho na toca”. Ele temia se trancar em bibliotecas, absorvido apenas em livros. “Ver o bicho na toca”, sim, mas deixar-se trancar na toca, não. Preferia ser “professor numa esquina de rua”, a se encarcerar na sala de aula de uma universidade americana. Ele sabia muito bem e o diz: “[...] O Conselho ia me dar a margem que a universidade não me daria.” E o CMI lhe possibilitou realmente ser professor em todas as esquinas do mundo. Não o quis em Genebra para burocratizá-lo em algumas salas do Departamento de Educação do Conselho. Deu-lhe, pelo contrário, condições as mais favoráveis para que, a partir do CMI, pudesse desenvolver, pessoalmente ou em conjunto com a equipe do IDAC uma ação ampla e muito variada em numerosos países de todos os continentes.

A respeito de sua chegada a Genebra, Freire confessa:

A primeira coisa que me preocupava era saber até que ponto eu ia me mover bem num contexto diferente, sobretudo no contexto do trabalho, que era uma casa de fé, uma casa ecumênica – na verdade é ou foi, durante o tempo que estive lá.<sup>7</sup>

Depois dessa confissão de expectativa e quase de medo, Freire continua:

Nunca ninguém me perguntou, no Conselho Mundial, em dez anos, se eu era isso ou aquilo, do ponto de vista religioso. Nunca eu fui chamado pelo secretário geral – que era assim uma espécie de papa – para me dizer “se acautele!” ou “modere um pouco o seu discurso!”, nada! Eu nunca talvez tenha sido tão livre, enquanto trabalhador, quanto fui lá.<sup>8</sup>

Ao se falar em “opção radical” por parte de Freire, trata-se de compreender, por um lado, o que está nas origens (arqueologia) das opções e da trajetória de Freire e, por outro, o que lhe dá sentido como projeto histórico, como futuro, como esperança como dimensão de utopia, da qual Freire nunca desistiu. O filósofo argentino G. Cirigliano, referindo-se a muitos dos que,

---

7 FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. Aprendendo com a própria história II. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 104.

8 FREIRE; GUIMARÃES, 2000, p. 104-105.

voltando dos diferentes “exílios”, desistiram da luta e perderam a palavra<sup>9</sup>, com relação a Freire proclama: “Sostengo que Paulo Freire ha quebrado el tiempo del destiempo porque no ha perdido la palabra, y eso es una hazaña em nuestro continente.”

Depois de citar Cirigliano, não posso esquecer uma frase de Ernani M. Fiori, que Freire refere, com emoção, da última conversa com o amigo, pouco antes de sua viagem definitiva, em 1984: “Paulo, estou feliz, porque não paraste.”<sup>10</sup>

Mas não é possível compreender o sonho, a utopia, a esperança de Freire até o fim, sem conhecer a “arqueologia” do seu sonho, sem descobrir, na sua biografia, na sua trajetória, os tempos fundantes, capazes de explicar as origens remotas e as razões existenciais de sua práxis libertadora. Citarei o próprio Freire e depois Mounier. No livro *Conscientização*, Freire escreve:

Em Jabotão perdi meu pai. Em Jabotão experimentei o que é a fome e compreiendi a fome dos demais.

Em Jabotão, criança ainda, converti-me em homem graças à dor e ao sofrimento que não me submergiam nas sombras da desesperação. [...]

Em Jabotão, quando tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança, comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens.<sup>11</sup>

A lembrança da fome, a dele e a dos outros, recorre com freqüência em falas, entrevistas e livros de Freire. Foi uma experiência triste, ligada à grande crise econômica de 1929. Na entrevista à Folha de São Paulo, já citada, o tema da fome aparece já na manchete: “Educação pela fome”<sup>12</sup>. Quando Freire se referiu à mudança de sua família de Recife para o então Bairro de Jabotão, o repórter observou: “Em outros livros seus o senhor conta que nessa época conheceu a fome.” E Freire concorda:

É, falo sistematicamente dessa experiência da fome e de milhares de outras fomes que conheci. Minha experiência dramática resultou do fato de que a

---

<sup>9</sup> CIRIGLIANO, G. F. J. De la palabra conciencia de-la-opresión a la palabra proyecto de-la Esperanza: entrevista. *La Educación*. Washington DC, año XXXIX, v. 120, n. 1, p. 1-17, 1995.

<sup>10</sup> FREIRE, P. In: FIORI, E. M. *Textos Escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 1992. v. 2, p. 287.

<sup>11</sup> FREIRE, P. *Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. p. 14. O original foi organizado pela equipe do INODEP, sob o título *Conscientisation: Recherche de Paulo Freire*; Document de travail INODEP, Paris, 1971.

<sup>12</sup> FREIRE, 1994, p. 8.

família de classe média em que nasci sofreu o impacto da crise do capitalismo universal, a crise de 29.<sup>13</sup>

Não parece exagero retórico dizermos que a experiência de Jabolão representa a “arqueologia” da “Pedagogia do Oprimido”. Naquele longínquo 1931, o menino Paulo Freire, com dez anos de idade, começa “a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem”, e formula para si uma pergunta do tamanho do mundo: “Embora fosse criança, comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens.”<sup>14</sup>

Certas coisas não se explicam. As especulações abstratas, racionalizações eruditas, análises sociológicas e pretensões científicas de tudo explicar, são tentativas inúteis. A esta altura só me resta citar Mounier, que em 1935 escrevia:

A experiência e a proximidade da miséria, eis o nosso batismo de fogo [...]. A miséria passou, com seu cortejo de grandezas. Eis a chave. Quem não experimentar primeiramente a miséria como uma presença e uma queimadura dentro de si, nos levantará objeções vãs e polémicas inúteis.<sup>15</sup>

É importante lembrar que Mounier exerceu uma influência decisiva, na década de 50 e início dos anos 60, no Brasil e em outros países da América Latina, nos cristãos de esquerda, que buscavam um caminho de inserção política nos movimentos de luta por uma transformação das estruturas injustas. Um dos que mais intensamente participaram desta mobilização, aqui no Brasil e depois no exílio, Luis Alberto Gomes de Souza, escreveu que a sua geração tinha em Maritain seu grande inspirador, mas, ao descobrir Mounier, abandonou Maritain. A concepção de Igreja e das suas relações com o mundo, em Maritain, era de cristandade, enquanto que a de Mounier era de laicidade. Trata-se, em poucas palavras, de uma Igreja voltada para si ou de uma Igreja voltada para o mundo, através da participação ativa dos leigos cristãos nas estruturas laicas da cidade dos homens.

As razões mais profundas das opções e dos compromissos radicais de Freire e de Mounier são análogas, fundamentando-se, para ambos, na sua fé cristã.

Não basta a consciência lúcida dos grandes problemas, da pobreza, da miséria, da fome e de todas as formas de opressão no mundo. Tal visão pode absorver-se inteiramente em análises sociológicas ou em militâncias

---

13 FREIRE, 1994, p. 8.

14 FREIRE, 1979, p. 14.

15 MOUNIER, E. Révolution Personneliste et Communautaire. In: Ouvres de Mounier. Paris: Seuil, v. I, p. 132-133, 1961.

revolucionárias, inspiradas mais pelo ódio do que pelo amor. O “algo mais” que não é algo apenas, mas a razão mais profunda das opções de Freire, como fora também de Mounier, ele a explicita na famosa entrevista ao Pasquim, em 1978.

Eu tenho que confessar o seguinte: eu fui empurrado aos córregos do Recife, às zonas urbanas do Recife, urbanas e rurais, indiscutivelmente por minha postura cristã, católica [...] e por certa camaradagem que eu sempre estabeleci na minha vida com Cristo, entende, até hoje. Não tenho porque renunciar. E realmente fui lá por isso. Eu digo isso também com humildade. Quer dizer, eu me sentia responsável por aquela defasagem tremenda entre a maneira como eu podia e estava vivendo e a maneira como milhões de meus irmãos viviam.<sup>16</sup>

Tentamos esclarecer, neste artigo, as razões que levaram Freire a optar pelo CMI, de preferência aos convites honrosos de universidades americanas. Mas não é tudo. Mesmo no CMI, ele fez uma nova opção preferencial. Em 1978 ele afirmou: “Eu sou capaz de amar enormemente qualquer povo.” Na sua escolha houve, porém, um amor de predileção. Quando Sérgio Guimarães lhe perguntou de que maneira ele conciliava suas atividades em Genebra com os problemas da alfabetização em vários outros países, Freire deixou clara sua opção:

[...] nesses anos de vida em Genebra, tenho tido contatos, ora em Genebra, ora em Paris, ora em certas cidades alemãs com grupos que trabalham com trabalhadores imigrantes em alfabetização. Mas sem nenhuma inserção maior. É que, no fundo, sobretudo quando a gente chega à idade em que eu estou hoje, a questão das opções, a questão de uma entrega maior se coloca.

No momento, por exemplo, me é absolutamente importante, fundamental, este aprendizado que a África me oferece. Eu não tenho muito tempo, o meu limite existencial lamentavelmente começa a dizer: “Olha, Paulo, cuidado!” Então, entre ficar tocando uma coisinha aqui, tocando uma coisinha lá, e passar a me dedicar mais rigorosamente a um certo tipo de estudo, eu tenho que optar pela coisa mais importante.<sup>17</sup>

Um dos aprendizados fundamentais para Freire foi o de respeitar a cultura das comunidades africanas e determinados condicionamentos históricos, sem impor modelos ou precipitar as coisas. O exemplo mais eloquente foi o de saber aguardar o momento oportuno para propor às autoridades da Guiné-Bissau o problema de que não era possível alfabetizar o povo na

---

16 FREIRE, 1978, p. 8.

17 FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. A África Ensinando a Gente. p. 48.

língua do colonizador. Sobretudo, em se tratando das populações campone-sas, imensamente majoritárias, que sempre haviam rejeitado o idioma do opressor. Freire se autorizou a propor a discussão deste problema ao presidente da Guiné-Bissau somente depois que o mesmo promoveu um seminá-rio, por ele proposto, para o qual foram convidados representantes dos cinco países africanos lusófonos.

A relação de Paulo Freire com a África foi de empatia profunda. Ele amou a África com amor de predileção. Os motivos são claros. Ele os descreve, em Cartas a Guiné-Bissau, numa linguagem altamente poética:

Falei da Tanzânia para salientar [...] o quanto me foi importante pisar o chão africano e sentir-me nele como quem voltava e não como quem chegava.

Este sentir-me em casa, no chão africano, se repetiu, em certos aspectos de maneira ainda mais acentuada, quando [...] visitei, com a equipe do Instituto de Ação Cultural (IDAC) pela primeira vez a Guiné-Bissau. Poderia dizer: quando “voltei” à Guiné-Bissau.<sup>18</sup>

O olhar de Paulo Freire é um olhar de amorosidade, de encantamento. O oposto do olhar de Hegel, um olhar que expressava apenas preconceito e desprezo total<sup>19</sup>. Trata-se também de uma “descoberta” totalmente diferente da “descoberta” dos colonizadores. Eles “descobriram” literalmente a África, a “desnudaram” totalmente, para estuprá-la, para saqueá-la de todos os seus bens e entregá-la, depois de quinhentos anos, ensanguentada e faminta, ao assalto da ganância institucionalizada, no mercado globalizado.

A obra de Freire sofreu e continuará sofrendo muitas críticas. O que não é possível questionar, porém, são opções radicais, como a dele, fundamentadas em valores que transcendem o alcance da ciência e da filosofia, situados no nível da fé e do amor. Freire concluiu sua longa entrevista ao Pasquim, falando sobre o amor. Depois de rechaçar a insinuação de que amor é conceito burguês, ele o afirma como dimensão essencial ao ser vivo, e por isso proclama: “Nesse sentido é que eu digo que a revolução é um ato de amor.”<sup>20</sup>

---

18 FREIRE, P. Cartas a Guiné-Bissau. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 14.

19 Sobre esta visão profundamente preconceituosa de Hegel a respeito da África e da América Latina, basta folhear o livro *Lecciones sobre la Filosofía de la Historia Universal* (Madrid: Alianza, 1999). São as aulas ministradas por Hegel na Universidade de Berlim. Há um texto meu sobre o assunto intitulado “Dos Preconceitos de Hegel ao Diálogo das Civilizações”, no livro *Educação, cultura e resistência: uma abordagem terceirômundista*, p. 123-144.

20 FREIRE, 1978, p. 11.

Freire lembra o Conselho Mundial de Igrejas como “uma casa de fé, uma casa ecuménica...”. Só o Conselho Mundial de Igrejas teria como oferecer a Paulo Freire aquelas condições que Sérgio Guimarães denominou, jocosamente, com uma metáfora genial: “Europa, aeroporto para o mundo.”<sup>21</sup> De lá, daquela “casa de fé”, ele pôde partir para todos os caminhos do mundo, levado pela sua fé “na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”<sup>22</sup>.

## Referências

- ANDREOLA, B. A. Pedagogia do Oprimido: um projeto coletivo. In: FREIRE, A. M. A. (Org.). *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*.
- CIRIGLIANO, G. F. J. De la palabra conciencia de-la-opresión a la palabra proyecto de-la-esperanza: entrevista. *La Educación*. Washington DC, año XXXIX, v. 120, n. 1, p. 1-17, 1995.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *A África Ensinando a Gente*.
- FREIRE, P. *Cartas a Guiné-Bissau*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, P. *Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Tradução de: *Conscientisation: Recherche de Paulo Freire; document de travail*, INODEP, Paris, 1971.
- FREIRE, P. *Educação pela fome*. Folha de São Paulo, São Paulo, 29 maio 1994. Caderno VI. Entrevista.
- FREIRE, P. *Paulo Freire, no exílio, ficou mais brasileiro ainda. Pasquim. As grandes entrevistas políticas II*. Rio de Janeiro, n. 462 (especial), p. 11, dez. 1978. Entrevista concedida a Claudio Ceccon e Miguel Darcy de Oliveira.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, P. In: FIORI, E. M. *Textos Escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 1992. v. 2, p. 287.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *Aprendendo com a própria história II*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MOUNIER, E. *Révolution Personnaliste et Communautaire*. In: *Ouvres de Mounier*. Paris: Seuil, v. I, p. 132-133, 1961.
- ROSAS, P. Papéis avulsos sobre Paulo Freire, 1. Recife: Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisa Universitária da UFPE, 2003.
- STRECK, D. *Pedagogia no Encontro de Tempos: Ensaios inspirados em Paulo Freire*. Petrópolis: Vozes, 2001.

---

21 FREIRE; GUIMARÃES, 2000, p. 97.

22 FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, frase final.